

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOÉMIA DELGADO, O CINEMA NO SINGULAR
12 de Outubro de 2026

CINE ALMANAQUE Nº 1,4,7 (EXCERTOS) / 1967

Créditos deste segmento: realização: Noémia Delgado (não creditada – realizadora dos três segmentos de Cine Almanaque agora mostrados) / **Créditos dos vários Cine Almanaxes: Supervisão/Coordenação Cine Almanaque:** Fernando Lopes, António Escudeiro / **Comentário e Locução:** José Mensurado / **Fotografia:** Acácio de Almeida, António Escudeiro (35mm) / **Direcção Musical:** Manuel Jorge Veloso / **Montagem:** Fernando Lopes / **Laboratório:** Ulyssea (imagem) / **Distribuição:** Rivus / **Produção:** António da Cunha Telles para Produções Cunha Telles/Ulyssea Filme // **Laboratório:** Ulyssea Filme (imagem) / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Digital (Esta cópia resulta da digitalização Ultra HD de um negativo de imagem de 35mm e da banda ótica de uma cópia síncrona, produzidos aquando da preservação do filme pela Cinemateca em 2014. O tratamento digital da imagem e do som foram feitos pela Cinemateca em 2022, usando uma cópia de época como referência) / **Suporte original:** 35mm, preto e branco, falada em português, sem legendas / **Duração:** 5 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** em data não identificada / **Estreia comercial:** em datas e cinemas não identificados / **Primeiras exhibições na Cinemateca** de Cine Almanaque nºs 1 e 4: 28 de Junho de 2014, Ciclo “António da Cunha Telles – Continuar a Viver, Produções de António da Cunha Telles”. **Primeira Exibição na Cinemateca deste excerto de Cine Almanaque 7.**

MAFRA E O BARROCO EUROPEU / 1972

Realização: Noémia Delgado (não creditada) / **Fotografia:** Moedas Miguel (35mm) / **Produção:** Plus Plano / **Produtor:** José Taveira / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Digital (suporte original 35mm), cor, som, falada em português, sem legendas. Esta obra teve uma variante com uma montagem mais breve e sem locução. Esta cópia resulta da digitalização Ultra HD dos negativos originais de som e imagem, em 35mm, conservados pela Cinemateca. O tratamento digital da imagem e do som foram feitos pela Cinemateca em 2022 / **Duração:** 7 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** em data não identificada / **Primeira Exibição na Cinemateca.**

ARTE NOVA E DECO NO NORTE DE PORTUGAL / 1985

Realização, Produção, Montagem, Locução, Sonoplastia: Noémia Delgado / **Argumento:** Alexandre O'Neill / **Poemas:** António Nobre / **Poema dito por:** Mário Viegas / **Fotografia/Câmara:** João Abel Aboim / **Colaboração especial:** Artur Moura / **Assistentes:** Alexandre Delgado O'Neill, Octávio Espírito Santo, Carlos de Oliveira, Vítor Castilho / **Música:** Blues, Bach, Vivaldi, Scott Joplin, Bluegrass, C. Rutter, Mozart, Billie Holiday, Charlestone Haydn, Banda da G.N.R., Handel, Debussy, Schönberg, Ravel, Gershwin, C. Gardel / **Genérico:** Noémia Delgado, Albertino Fernando / **Produtor Delegado/Consultor Técnico/Colaboração Especial:** A. E. Teixeira Lopes / **Imagem/Som:** Laboratórios RTP / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa/RTP, 16mm (Double Band/SepMag, cor, falada em português, sem legendas / **Duração:** 27 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 19 de Outubro de 1989, RTP / **Primeira Exibição na Cinemateca.**

O TRABALHO DO OURO E DA PRATA NO NORTE (ARTESANATO E INDÚSTRIA) / 1987

Realização, Produção, Montagem, Locução, Sonoplastia: Noémia Delgado / **Texto:** (Eng.) José C. de Sousa, Elsa Tavares / **Fotografia/Câmara:** J. Ernesto P. Monteiro / **Assistente:** Vítor Bilhete / **Som:** Luis Ferreira Alves / **Música:** Scott Joplin, Gounod / Artur Almaça (percussão) / **Figuração:** Arlindo de Sousa, Vítor M. Correia; Margarida, Vera, Olga (enchedeiras) / **Produção:** Produzido para a R.T.P. por Noémia Delgado / **Produtor Delegado:** Arq. A. E. Teixeira Lopes para a RTP / **Coordenação:** Maria da Graça Beça de Sanches da Gama / **Laboratório e Som:** RTP / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa/RTP, 16mm (Double Band/SepMag, cor, falada em português, sem legendas / **Duração:** 24 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 3 de Junho de 1987, RTP / **Primeira Exibição na Cinemateca.**

filmes de Noémia Delgado

Duração aproximada da projecção: 64 minutos

A sessão inicia-se com três excertos da série **Cine Almanaque**, jornal de actualidades produzido por António da Cunha Telles em 1967/1968. Nela participaram muitos dos realizadores e técnicos conotados com o Cinema Novo Português, que pouco tempo antes haviam começado a trabalhar com Cunha Telles, como Fernando Lopes, António Escudeiro, Acácio de Almeida, ou outras presenças menos regulares no **Cine Almanaque**, como Paulo Rocha, António de Macedo ou Noémia Delgado. Tratava-se de uma produção com intuítos obviamente comerciais, cujos intervenientes gastavam grande parte das suas energias nos primeiros trabalhos de grande fôlego do Cinema Novo, que desenvolviam em paralelo com produções de cariz mais institucional como esta, ou em incursões pela publicidade, duas formas alternativas de se autofinanciarem. O **Cine Almanaque** abordava predominantemente assuntos de natureza cultural e artística, o que por si só já revela as inclinações dos seus autores. Noémia Delgado realizou três segmentos para a série no âmbito dos quais filmou a escultura de João Cutileiro e documentou duas profissões em extinção – os amoladores e os fotógrafos ambulantes –, tendo no seu conjunto cerca de cinco minutos de duração. Estes **Cine Almanakes** foram produzidos com o fim de serem mostrados nas salas de cinema, nos momentos que antecederiam os ditos “filmes de fundo”. E assim aconteceu, num período em que este tipo de filmes, coexistia com outros do mesmo género já produzidos para televisão. Neste contexto interessam-nos muito particularmente estes três pequenos filmes pois correspondem às primeiras experiências de Noémia Delgado na realização, que poderemos designar como **“Obras de João Cutileiro na Galeria Interior”**, **“Fotógrafos ‘à la minute’ em Lisboa”** e **“Amolador em Lisboa”**, embora por vezes apareçam segundo outras designações.

Em **Cine Almanaque** nº 1 (1967), o segmento **“Obras de João Cutileiro na Galeria Interior”**, surgia no meio de uma homenagem a Eusébio no contexto de um jogo Portugal/Suécia, e de um segmento dedicado às “noites brancas em Lisboa” ou outro dedicado a uma encenação de Carlos Avilez para o Teatro Experimental de Cascais de *A Maluquinha de Arroios*, com Glicínia Quartin como protagonista. Segmentos, que não mostramos nesta sessão, mas cuja descrição revela por si só como os jovens que estavam à frente da série, cruzavam um desejo de retratar a actualidade, com um desejo de modernidade.

Por seu lado, **“Fotógrafos ‘à la minute’ em Lisboa”**, presente no **Cine Almanaque** nº 7 (1967), surge depois de uma reportagem sobre a “rodagem do filme **7 Balas para Selma**”, filme de António de Macedo, com a sua promessa de um Cinema Novo, e de outra reportagem sobre um “Seminário sobre publicidade no Hotel Ritz”, sendo que vários dos colaboradores desta série trabalhavam muito para publicidade nesta altura. Veja-se o filme de Noémia incluído nesta sessão que foi patrocinado pela Torralta. Já o segmento **“Amolador em Lisboa”** surge no **Cine Almanaque** nº 4 (1967), por entre peças sobre as montras das lojas do Chiado, as canções de Marco Paulo, um desfile de carnaval, ou uma reportagem sobre a Cinemateca.

Segmentos reveladores dos interesses dos seus autores, que contribuem para um justo retrato da época em questão, em que o ênfase na modernidade contrasta com a Lisboa dos amoladores e dos fotógrafos ambulantes retratados por Noémia, segmentos que se destacam pelas suas qualidades fotográficas e pela montagem, não obstante a dimensão mais conservadora do comentário em *off*. Se a produção é de Cunha Telles, a coordenação geral do projecto coube a António Escudeiro e a Fernando Lopes, a fotografia a Acácio de Almeida e a António Escudeiro, a direcção musical a Manuel Jorge Veloso, o comentário e a locução a José Mensurado e a montagem a Fernando Lopes. Noémia Delgado não é creditada, mas terá colaborado neste jornal não só na realização dos três segmentos agora exibidos, como na montagem de vários dos restantes.

A realizadora começou a trabalhar em cinema nos anos 1960 na área da montagem e da anotação em filmes produzidos por Cunha Telles, e, como a própria refere, aprendeu muito com Margareta Mangs, montadora sueca que na altura vivia em Portugal, tendo Noémia sido

sua assistente de montagem em **Os Verdes Anos** (1963), e em **Mudar de Vida** (1966). **Mudar de Vida** é aliás objecto de dois segmentos do **Cine Almanaque** (nº 2 e 13). É assim uma parte substancial da geração do Cinema Novo que trabalha nestes **Cine Almanques**, e é nesse movimento que podemos inscrever o cinema de Noémia Delgado, mesmo se a sua primeira longa-metragem, **Máscaras**, tem já data de 1976.

Mafra e o Barroco Europeu foi uma encomenda da Torralta a Noémia Delgado, nesta que para muitos é descrita como a sua primeira experiência na realização. Noémia realizaria outra versão mais curta deste trabalho assumidamente institucional já sem *off*, em que preserva a relação entre o trabalho das formas e as cores, numa abordagem mais livre e pessoal. Nesta versão sonora destaca-se como a construção do Convento de Mafra, com o seu barroco mais pobre, característico das possibilidades portuguesas, fez parte de um projecto de aproximação do Portugal rural à cidade de Lisboa, num projecto de investimento e de desenvolvimento regional, como se a cineasta procurasse trazer o paralelismo para o presente.

A sessão é complementada por dois episódios de duas séries que Noémia Delgado realizou para a RTP nos anos 1980. De **Arte Nova e Deco no Norte de Portugal** mostramos o primeiro episódio centrado na arquitectura do género encontrada sobretudo na cidade do Porto, onde a cineasta residia na altura. Aqui Noémia convoca vários dos seus colaboradores habituais. João Abel Aboim assina a cuidada fotografia (e é assistido pelo fotógrafo Alexandre Delgado O'Neill, filho da realizadora, que com ela várias vezes colaborou) e as escassas palavras narradas são de Alexandre O'Neill, ditas pela voz da própria cineasta, que assina a locução, ou pela voz de Mário Viegas, que lê um poema de António Nobre.

À semelhança das anteriores séries que Noémia realizou para a televisão – os quatro episódios de **Palavras Herdadas**, **O Ladrão do Pão** (da série “**Contos Tradicionais Portugueses**”), os sete episódios de **Contos Fantásticos**, a que se somam quatro episódios de uma série dedicada à biografia de artistas, que não podemos mostrar – a cineasta não delega a componente sonora do filme a terceiros, assumindo a sonoplastia para lá de todas as outras funções, em que a par da realização se destaca a montagem. Nesta série o próprio genérico é de sua autoria, o que revela a circulação de Noémia Delgado entre as várias artes, num período em que continua a desenhar e a responder a encomendas escultóricas, associadas sobretudo a projectos arquitectónicos da autoria de A. E. Teixeira Lopes, o produtor delegado destes últimos dois filmes e o seu companheiro da altura.

De **O Trabalho do Ouro e da Prata no Norte** mostramos o primeiro episódio, **Artesanato e Indústria**, um documentário sobre a ourivesaria artesanal em Portugal que regista o trabalho desenvolvido no Centro de Formação Profissional de Ourivesaria e Relojoaria de Gondomar e o trabalho manual necessário para produzir as filigranas, ornamentos que enfeitam os trajes tradicionais minhotos. É interessante ouvirmos a voz de Noémia Delgado a defender as técnicas artesanais, num mundo em acelerada mutação, o que rima com os primeiros filmes da sessão. Como **Arte Nova e Deco no Norte de Portugal** é um trabalho televisivo com um orçamento reduzido, como revelou João Abel Aboim recentemente, mas no qual se manifesta a mão e o talento de quem o faz. A atenção aos gestos em torno dos metais preciosos em estado líquido, com o seu claro/escuro, ou à minúcia dos artífices e à sua delicadeza, revelam uma clara vontade de cinema, por alguém que nos “cartões de visita” insistia em apresentar-se como realizadora. Como a própria artista escrevia na biografia que acompanhava *Jacarandá no Coração*, o único livro de poesia por si publicado numa edição de autor, impresso pela Minerva em Janeiro de 1986:

*“Outubro de 85 – Cinco projectos de longa-metragem apresentados ao I.P.C.:
A Escolha / As Noivas / O Físico Prodigioso / 5º Avenida / Sikouloumé”.*

Muitos anos passados, nenhum deles foi financiado ou realizado, daí a importância de rever a filmografia e a obra de Noémia Delgado, à luz de tantos projectos não concretizados.

(...) Mãe:
que queria ser eu quando era menina?... ”

Assim termina o poema “A imagem da ‘imagem’”, presente em *Jacarandá no Coração*.

Joana Ascensão